

Sexta-feira, 9-8-91

Polícia

JORNAL DA TARDE — 17

A "Operação Amazônia Ocidental" espalhará pelo Estado 180 agentes federais, armados de escopetas e metralhadoras. Na próxima semana, chega a Porto Velho uma equipe do BC para uma devassa nas fortunas suspeitas.

Polícia invade Rondônia. Combate ao tráfico.

O governo federal tentará fechar a porta aberta em Rondônia para o narcotráfico — para tanto, vai usar técnicos do Banco Central, que farão uma devassa em fortunas suspeitas, e policiais armados de metralhadoras e escopetas, espalhados em vários pontos do Estado. A "Operação Amazônia Ocidental" foi detonada antes mesmo da chegada dos 75 agentes federais e cinco delegados da Polícia Federal que desembarcaram ontem, às 15 horas em Porto Velho. No total, a operação envolverá 180 agentes da PF. Os que chegaram ontem seguiram num avião Hércules, modelo C-130, da Força Aérea Brasileira (FAB), que decolou de Brasília e pousou na Base Aérea da capital do Estado. "Já estamos trabalhando em todo o Estado nessa missão", avisou o chefe da Delegacia de Repressão a Entorpecentes da Superintendência local, Teófanis Afonso.

Na próxima segunda-feira, além dos deputados da CPI do Narcotráfico, chegará em Rondônia uma equipe do Banco Central. Esses funcionários serão deslocados de Brasília com o único objetivo de cruzarem os dados da movimentação bancária de pessoas suspeitas de envolvimento com o tráfico de cocaína. A equipe confrontará os bens dos suspeitos com a variação patrimonial da Receita Federal. O governo aproveita a presença maciça dos agentes federais em Rondônia para coibir — além do tráfico de drogas e lavagem do dinheiro ilegal — os crimes ecológicos, contrabando, sonegação de impostos, queimadas, madeiras, porte e uso ilegal de armas, aliciamento de trabalhadores, trabalho escravo, garimpo e a extração mineral.

Os agentes da PF saíram de vários Estados: 10 do Acre, 28 do Mato Grosso, 16 de Goiás, 17 de Brasília, 34 de Minas Gerais, dois do Piauí, oito do Rio Grande do Norte, 12 de Santa Catarina, 23

da Bahia e 30 de Rondônia. Os que chegaram ontem foram recebidos pelo delegado Teófanis Afonso com a seguinte frase: "Para quem já conhece a região, aqui não mudou muito". Ele indicou a todos os hotéis e avisou que a partir de hoje o trabalho será duro.

No Hércules, seguiram ainda três caixas com metralhadoras e escopetas. Segundo o delegado Mário Machado, um dos coordenadores de equipe, o armamento servirá tanto para o trabalho na selva como nas estradas e rodovias. "Chegamos com o espírito de trabalhar e enfrentar o que encontrar pela frente", revelou Machado. "A operação é uma medida que se faz necessária em Rondônia". O delegado Paulo Miranda, de Minas Gerais, coordenou a viagem no Hércules. Serão 34 equipes que se deslocarão por todo o Estado cumprindo sempre ordens dos núcleos de comando. Eles ficarão em Vilhena, Porto Velho, Humaitá, Cacoal, Guajará-Mirim e Presidente Médici.

Segundo o superintendente de Polícia Federal de Rondônia, Alberto Lasserre, a operação não tem data marcada para terminar. Ele estima que ela vai durar três meses, mas confessa sua intenção de mantê-la até o final do ano. Lasserre disse que o trabalho conjunto com três secretarias estaduais — do Desenvolvimento Ambiental, da Fazenda e do Trabalho — e seis órgãos federais — Departamento Nacional de Produção Mineral, Ministério do Trabalho, Receita Federal, Funai, Banco Central e Ibama — tentará cumprir mais de dois mil mandados de prisão. "Cinquenta por cento deles referentes a traficantes foragidos da Justiça", afirmou Lasserre. Ele espera que a operação reprima o narcotráfico. Mas avisa: prender os chefões "não é como prender ladrões de galinha".

Kássia Caldeira,
de Porto Velho

O Hércules da FAB desembarca em Porto Velho com cinco delegados, 75 agentes federais e três caixas de metralhadoras e escopetas: guerra aberta ao narcotráfico.



Traficantes oferecem trabalho aos índios: plantar coca.

Uma tribo de índios do Acre está cercada por narcotraficantes, madeireiros e posseiros, na divisa com o Amazonas. Os ashaninka, também denominados Kampa, denunciaram ontem ao procurador geral da República, Aristides Junqueira, que nos vêm recebendo ameaças de morte de traficantes.

Essas ameaças, segundo Antonio e Moisés Pianko, ambos da aldeia localizada no afluente do rio Jurua, partiram de um traficante conhecido como Nanci Freitas, que insiste em obrigar sua aldeia a plantar coca.

"O Nanci Freitas tem lutado para que os índios plantem coca para ele", afirmou Moisés Pianko. "É isso que dá dinheiro, diz para nós, oferecendo sementes de coca e um negócio à base de troca", diz. A troca seria feita da seguinte maneira. Os índios receberiam as sementes de coca de graça, para plantar em suas terras. Após a colheita, teriam uma participação nos lucros pela venda do pó. Também estaria envolvido no tráfico, um posseiro chamado pelos índios de "José do Sousa do Vale", que se apresenta como "fiscal" da PF.

Raquel Cândido, convite especial da CPI.

A deputada Raquel Cândido, que denunciou a rede de narcotráfico em Rondônia e vem sofrendo ameaças de morte, volta no início da semana a seu estado, onde não vai há oito meses. Ela é convidada dos integrantes da CPI do Narcotráfico, que partem para Rondônia no dia 11 para ouvir pelo menos 16 pessoas, que podem prestar alguma informação sobre o tráfico de drogas. Entre os que serão ouvidos estão o governador Oswaldo Piana, o prefeito de Porto Velho, Chiquilito Erse e o ex-governador Jerônimo Santana.

A CPI deve ouvir também o advogado João Lucena Leal, que

mora em Rondônia e que se especializou na defesa de traficantes. Em entrevista ao jornal gaúcho "Zero Hora", na edição de ontem, Lucena disse que se tivesse de fazer a defesa do deputado Jabes Rabelo, acusado de envolvimento com o narcotráfico, cobraria no mínimo US\$ 200 mil (cerca de Cr\$ 80 milhões). "Se trata de um traficante de grande pujança", acusou.

A CPI ouviu ontem o deputado norte-americano Howard Coble. Ele defendeu a pena de morte para todos os traficantes e lembrou que, no seu país, nos estados onde a lei é mais severa, o tráfico de drogas é menor.

Novas pistas contra os Rabelo

A partir de um acidente de automóvel ocorrido há dois meses na divisa de Santa Catarina com a Argentina, a polícia de São Miguel do Oeste, distante 740 quilômetros de Florianópolis, identificou mais um indício do envolvimento da família Rabelo com o tráfico de drogas.

A informação foi divulgada quarta-feira pelo delegado regional de São Miguel do Oeste, Maurício Eskudlark, que investigava

as ligações de Sirio Luiz Kirchner, 29 anos — que morreu quando o Kadett que dirigia colidiu com uma parede de rochas na BR-163 — com o narcotráfico. O Kadett trazia placas de Cacoal, e Sirio já tinha passagem pela polícia. Em março, foi preso pela PF de Foz do Iguaçu com mais de 100 quilos de cocaína, sendo liberado após 37 dias de prisão. A seguir, viajou para Cacoal, em Rondônia, de onde saiu com o Kadett compra-

do em uma revendedora pelo irmão do deputado Jabes Rabelo, Noabias Pinto Rabelo, e mais tarde transferido para o nome da mãe de Sirio.

Noabias foi preso com o irmão Abidiel com 554 quilos de cocaína. Segundo o delegado, a ligação entre o carro e Noabias só foi possível a partir de uma denúncia anônima feita na semana passada, indicando a revendedora onde o carro havia sido comprado.